

Etapa Veridicção – Nível Discursivo

Veridicção é exatamente o que diz a palavra: dicção = dizer, veri = verdadeiro. Um dos mais importantes princípios epistemológicos da Semiótica Greimasiana sustenta que a verdade – e mesmo o mundo natural como o concebemos – é uma construção da linguagem. É notório como saber uma verdade ontológica não garante, de forma alguma, conseguir “fazer o outro saber”, pois a construção da verdade depende de inúmeros fatores que podem facilmente mudar de Enunciatório para Enunciatório, cunhada por saberes e crenças. Por este motivo, estudar a veridicção é buscar a forma pela qual a verdade foi construída em cada texto.

Ousaria dizer até que a carne do mundo, como diria o saudoso Ignácio Assis Silva, só pode ser percebida, captada, compreendida por meio da Linguagem.

Adendo sobre mundo ontológico e linguagem

Como pesquisadora em fonética acústica e semiótica, pude observar que o fonema também é um recorte da realidade, jamais fiel a ela: entre o que podemos delimitar como início e fim de uma vogal, por mais que gostemos de acreditar no contrário, é uma transição, não uma estabilidade. Na Língua Portuguesa nossa percepção declara como início do segmento a vogal e como final, a consoante, o que provoca uma afetação forte da configuração vocálica da vogal em seu início, tal como também afeta a consoante em si, mas mesmo no final, seja porque vem outra consoante, seja por ser final da produção oral em questão, esse elemento, consoante ou silêncio, também afeta a produção do som. Quanto mais rápido falamos, menor a possibilidade de se encontrar qualquer estabilidade em qualquer parte dos segmentos de fala.

Mesmo assim, se eu disser “Fui pra casa mais cedo.” ou “Fui pra casa.”, perceberemos a palavra “casa” como um elemento idêntico entre as duas frases – e não é, não de um locutor para outro, nem de uma emissão para outra do mesmo locutor. Se uma criança falar as duas frases, eu perceberei a mesma palavra “casa” do que se fosse falada por um baixo profundo, no entanto, o meu ouvido percebe diferentemente os comprimentos de onda de um ou outro falante, assim como a criança perceberá mais nitidamente os sons mais agudos do que eu. E lá está ela, a palavra “casa”, aparentemente estável, mas acusticamente diferente.

Compreendemos a fala porque sabemos disso: sabemos que o que vale na acústica da fala não são transições estanques entre estabilidades (o que, aliás, nem seríamos capazes de produzir): o que vale são as relações entre o foco ou meta que temos para cada segmento. Sabemos que as transições nos contam sobre o que virá depois, por isso entendemos até falas truncadas ou muito rápidas. Sabemos que o /a/ inicial de “casa” é completamente diferente do /a/ final da mesma palavra, e que a configuração formântica da vogal /a/ inicial varia proporcionalmente em falas mais agudas e mais graves. Não fosse assim, só seríamos capazes de aprender a falar depois que nosso aparelho vocal fosse maduro, ou adulto.

A Semiótica pauta a noção de verdade nessa premissa, segundo a qual, como diz o Dicionário de Semiótica I, “o mundo natural é uma linguagem figurativa, cujas figuras – que encontramos no plano do conteúdo das línguas naturais – são feitas das ‘qualidades sensíveis’ do mundo e agem

diretamente – sem mediação linguística – sobre o homem” (GREIMAS, COURTÉS, s/d, p. 292). Se o mundo natural pré-existe à linguagem, quanto mais imersos estamos na linguagem (não somente línguas naturais, mas também todas as outras linguagens, inclusive a corporal, que é também cultural), mais eficientemente nossa percepção desse mundo é moldada àquilo que se pode classificar languageiramente. Um olhar cabisbaixo pode ser sinal de respeito em uma cultura e raiva em outra.

Portanto não teria sentido, no escopo teórico da Semiótica, julgar que a análise da veridicção vai desvendar a verdade, mas, sim, que vai mostrar como o texto analisado construiu a sua verdade.

Não é quadrado semiótico

A famosa figura (disponível no Dicionário de Semiótica supracitado, à página 488) que esquematiza a veridicção como relação entre manifestação (parecer) e imanência (ser) não é um quadrado semiótico, embora tenha emprestado deste os termos contraditórios (Figura 17).

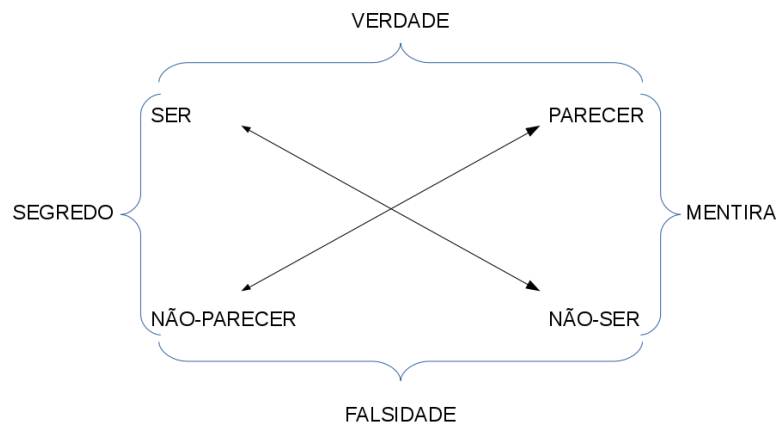


Figura 17: Quadro de relações entre ser e parecer (imanência e manifestação) criando uma "posição veridictória", ou seja, uma categoria modal, passível de sanção. Cf. GREIMAS, COURTÉS, s/d, pp. 487-488.

Caso você leia o tópico indicado na legenda da Figura 17, observará que os autores usaram, na época, a expressão “quadrado semiótico” para indicar o esquema, mas ser não é oposto de parecer, não-ser e não-parecer não são termos contraditórios, não-ser não implica parecer e tampouco não-parecer implica ser. O próprio esquema mostra isso:

- a conjunção de {ser; parecer} produz o efeito de sentido de verdade → se fosse quadrado semiótico, teríamos aqui um termo complexo;
- a conjunção de {não-ser; não-parecer} produz o efeito sentido de falsidade → se fosse quadrado semiótico, este seria o termo neutro;
- a conjunção de {não-ser; parecer} produz o efeito de sentido de mentira → que termo seria este no quadrado? Talvez um amálgama de não-B e A?

- a conjunção de {ser; não-parecer} produz o efeito de sentido de segredo → e este? Amálgama de não-A e B?

Ao levantar esta questão, não estamos rediscutindo a teoria nem trazendo uma questão nova para o debate, apenas tomando partido ao acompanhar aqueles que defendem que o esquema de Veridicção não é um Quadrado Semiótico, opondo-se a quem segue a orientação original da teoria, ao assumir que o esquema da Veridicção é produto da junção de dois quadrados (Figura 18) (Cf. CASQUILHO, 2013).

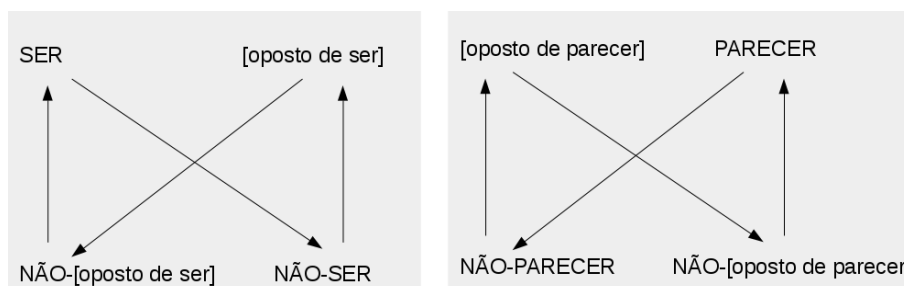


Figura 18: Quadrados semióticos do /ser/ e do /parecer/ que estariam teoricamente na base da construção esquemática da veridicção.

No *dS* adotamos a proposta de classificação que, a nosso ver, é mais adequada à compreensão do esquema veridictório, como uma função $F = \{\text{modo de imanência}\} + \{\text{modo de manifestação}\}$, na qual o modo de imanência pode ser preenchido com /ser/ ou /não ser/ e, o de manifestação, com /parecer/ ou /não parecer/:

Tabela 4: Função da Veridicção conforme a Soma dos Funtivos Imanência e Manifestação.

Veridicção	Modo de Imanência	Modo de Manifestação
Verdade	Ser	Parecer
Segredo	Ser	Não-parecer
Mentira	Não-ser	Parecer
Falsidade	Não-Ser	Não-Parecer

Essa tabela, no entanto, é insuficiente para definir como se analisa a Veridicção no texto. É preciso considerar as seguintes questões:

- Veridicção é um efeito de sentido produzido no Nível Discursivo, naquilo que se pode chamar de “ponto de vista do texto”, ou seja, é enunciado, é dito.
- Veridicção refere-se ao ponto de vista que o Enunciador aplica ao texto (não necessariamente o dele próprio, que é, para este fim, praticamente irrelevante) em um dado momento, podendo variar de uma parte a outra do texto.
- Cabe refletir, na hora da classificação, que construção veridictória está montada pelo “narrador” para o narratário, ou melhor: que posição actancial ou enunciativa ocupa o observador cujo ponto de vista determina a veridicção no texto.

Desse modo, a interface para a análise da Veridicção no *dS* apresenta-se esquematicamente como na Figura 19.

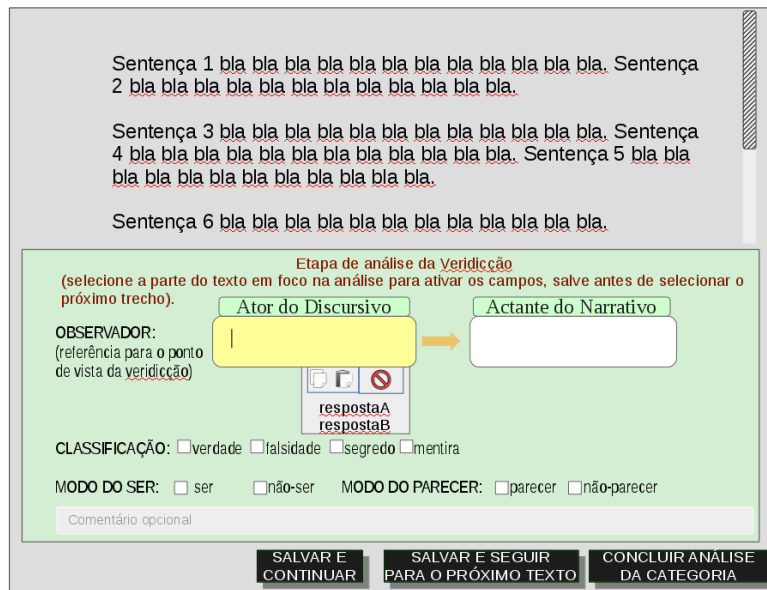


Figura 19: Esquema da interface de análise da etapa de Verificação. A seleção da classificação aciona automaticamente os modos do ser e do parecer correspondentes, e vice-versa. No entanto, é possível marcar apenas um modo, de ser ou parecer, deixando a análise incompleta.

Observe que há duas categorias abertas na análise deste nível, além do comentário opcional: a indicação do observador como ator do Nível Discursivo e/ou ocupando um papel (actante) do Nível Narrativo.

As categorias-*dS* para esta etapa estão representadas na Figura 20, com as respostas em ramificações finais para as categorias fechadas.